

PAULO MENDES DA ROCHA EM PORTO ALEGRE



Foto: Ricardo Calvi

O texto que segue é a transcrição da palestra proferida por Paulo Mendes da Rocha, em evento promovido pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRGS no dia 27 de setembro de 2006, com o apoio do IAB-RS e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Meus cumprimentos a todos, muito especialmente aos jovens, porque são a nossa esperança. Cumprimentos um tanto maldosos, porque é como quem diz: estamos colocando uma carga enorme nos ombros dos jovens, que estão chegando, e vão continuar. Mas é a prebenda fundamental da condição humana continuar com os outros e através dos outros. Dizem pessoas que eu estimo, os filósofos, que nós sabemos que vamos morrer, cada um de nós, no entanto, estamos sempre muito animados, porque sabemos que não nascemos para morrer, mas nascemos para continuar.

De fato, eu queria dizer a vocês não qualquer coisa que tenha sido propriamente preparada, mas falar do que me aflige, ou me preocupa ultimamente. É justamente essa questão de considerar, por exemplo, nesse momento, que tudo o que nós podemos chamar de conhecimento, a totalidade do conhecimento e a totalidade da história, enquanto experiência, só existe entre nós, os vivos, ao mesmo tempo. Portanto, seja essa ou qualquer outra questão o motivo desses nossos encontros, do ponto de vista da área do conhecimento, fosse qualquer ciência ou qualquer devaneio especulativo humano que estivesse aqui nos unindo, a questão fundamental é essa, de que em que condição, em que estado, em que momento, com que consciência estamos dizendo isso; esses, únicos, agora, os viventes ao mesmo tempo. É muito impressionante esse raciocínio, e diante disso é que a questão da arquitetura aparece, mais uma vez, com muita força, porque nesse momento, de uma maneira mundial, e mesmo com um sentido de cultura popular que tem uma força imensa, estabelecem-se mais que nunca conceitos e clarezas, uma certa visão, um tanto nítida, sob a condição da natureza que nos inclui. Somos, inclusive, uma passagem na natureza.

Então, essas falas sobre ecologia não deixam de revelar outra coisa, independente de se são ainda superficiais: a formação de uma consciência sobre a questão da natureza. E na arquitetura, que constrói coisas indispensáveis para a nossa existência – constrói, principalmente, as cidades –, fica claro que para nós a grande questão é considerar a natureza e a transformação da natureza como o produto fundamental das nossas ações. É muito estimulante este raciocínio, e eu estou dizendo que pretendo

convocar, ainda que de forma assim um tanto ingênua, esse horizonte de questões para a arquitetura. Ela, agora mais do que nunca, diante desse quadro, vê com clareza que sua demanda fundamental é a transformação da natureza a ponto de torná-la habitável.

Por si a natureza não é nada gentil. A natureza é qualquer coisa horrível, se quiserem, no sentido lírico, literário da palavra; um horror, um espanto, e temos que vê-la não como paisagem, mas na sua dimensão fenomenológica de força da gravidade, mecânica celeste, de estabilidade das construções dentro dessa extraordinária e monumental situação da nossa presença no universo. É uma questão fantástica.

Eu já falei isso uma vez, mas não tenho escrúpulo de repetir uma imagem extraordinária sobre tudo isso. Pouco tempo atrás, o primeiro astronauta americano, Glenn, que está agora com 70 anos, foi levado de modo comemorativo mais uma vez ao espaço. Há uns dois anos atrás, girou em torno do planeta, em uma órbita. Ele, ou um companheiro da época, vendo assim pela primeira vez um planeta inteiro solto e desamparado no universo, teria dito: “a Terra é azul”. Bem, para comemorar esse momento de Glenn, como a órbita passaria no zênite da cidade de Canberra, e prevendo – o que deu certo – que o tempo estaria absolutamente limpo de cobertura de nuvens e tudo mais, lá fizeram a seguinte homenagem: acender Canberra inteira. É interessante porque toma um ar até infantil, ou de brincadeira: como assim, acender inteira? Sim, acender. Abrir todas as janelas, todas as casas, todos os faróis de automóveis, tudo que se podia acender foi aceso. Não era necessário, pois as cidades são vistas assim iluminadas dos satélites, mas aquilo brilhou, e ele disse: “a Terra agora possui luz própria”.

Portanto, vejam, não é verdade? A luz produzida, essa capacidade de transformação que nos espanta, porque faz com que não seja mais para a arquitetura uma questão de poder ou não construir isso ou aquilo; ao contrário, pode-se tudo. A questão é o que fazer, e surge fundamentalmente pela visão crítica que podemos convocar sobre os nossos lugares. A minha São Paulo, e pior que a minha São Paulo, a mais minha ainda Vitória, onde eu nasci, no Espírito Santo: a baía poluída, o território desmantelado, e coisas assim. Portanto, a organização do território é fundamentalmente o horizonte do trabalho dos arquitetos.

De um modo geral, se quisermos ver o lado menos alegre de tudo isso, podemos dizer que a arquitetura tem degenerado por várias razões: mercado, ou excessiva exacerbação de mercado, e coisas assim. É mais ou menos de consenso que há pelo menos uma ameaça de degenerescência. Diante desse quadro da natureza, e com essa visão da arquitetura assim disponível, passiva e conformista diante das exigências de um mercado degenerado e mais ou menos insano, produto para ser vendido, fica também a idéia de que a arquitetura perde o seu prestígio no seio da universidade e das outras formas de conhecimento.

Entretanto, convocando essa questão da natureza como fundamental para a arquitetura, e da geomorfologia, da configuração

dos espaços habitáveis, da cidade na sua complexidade como objeto fundamental, retoma a arquitetura aquilo que sempre se soube uma posição dentro da universidade, que enquanto multidisciplinar não se aprofunda, nem poderia, para saber muito de todas as disciplinas. Ao contrário, a arquitetura se revela como uma forma peculiar de conhecimento, fundadora, inclusive, da condição humana (no neolítico, como sabemos, já estavam lá as pedras arrumadas e tal), e passa a se ver a arquitetura não como um parasito dentro da universidade, que desfruta das outras disciplinas, mas ao contrário, que como está ligada a esse desiderato, a essa realização suprema da condição humana, a sua condição de habitabilidade no planeta, passa a ser uma forma peculiar de conhecimento e estímulo indispensável às outras disciplinas todas (como quem diz, exagerando, sem dúvida, porque, se o ambiente é nosso, temos o direito de exagerar um pouco).

É indispensável porque, seja qual for a especulação do conhecimento, não há outro objeto final, para ele, do que constituir a tranquilidade e a mais clara e monumental realização da habitabilidade do planeta, que envolve as suas circunstâncias todas enquanto cidade: escolas, hospitais, transporte público, etc. Para não falar só de necessidades, é só aí, na cidade enquanto cenário, lugar, que podemos exibir maravilhas do conhecimento. Podemos exibir uma situação absolutamente humana, onde o êxito da técnica adquire um imenso valor estético. É isso que nos interessa fundamentalmente, fazer brilhar a nossa engenhosidade. Viver, assim, já de uma forma densa, como é desejável no que é chamado cidade, por exemplo, torna indispensável para a existência de edifícios verticais essa singela máquina que é o elevador, de trens e transporte público, e coisas extraordinárias que fazem com que nós possamos nos ver com uma certa dignidade absoluta no sentido de que só vivemos para tornarmo-nos cada vez mais possivelmente viventes; portanto água, geomorfologia, são as formas que fundamentalmente caracterizam o objeto de arquitetura.

Eu tenho me preocupado com isso; são preocupações que podem deixar um homem louco, como diz outro: “muita preocupação não é boa”. Mas é muito interessante, por outro lado, principalmente porque obriga, ou instiga, a pensar que somos o habitante do planeta, que é outra dimensão interessante do momento, que não se trata de uma mundialização do ponto de vista da empresa e do mercado, mas trata-se, também, da consciência de que somos o homem habitante do planeta. Cultura, mesmo conceitos assim, tornam-se um pouco tolos, a não ser como respeito por uma peculiar maneira de desenvolver os mesmos conhecimentos ou pensamentos em lugares que às vezes são extremamente exigentes. Mas, cada vez sabemos mais que somos o mesmo homem.

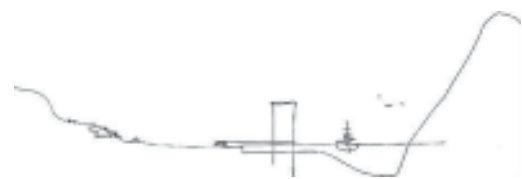
Com essas preocupações, e para ilustrar este encontro, vou mostrar umas imagens de alguns trabalhos em que o interesse, como arquitetura, como discurso, seria em que medida essa fala toda tem alguma coisa a ver, entretanto, porque essa contradição existe. Imediatamente, o que

podemos fazer, cada um de nós, já não tem sempre, nem sempre terá, essa dimensão toda das coisas que estamos considerando. Eu vou comentar os projetos e depois ilustrá-los com as imagens.

O primeiro deles é um projeto sobre a Baía de Vitória, que eu fiz para a minha própria cidade, convidado pelo governo, durante dois anos, acompanhando a Secretaria de Planejamento. É muito interessante, porque justamente nessas circunstâncias, faz ver o seguinte: este porto de Vitória está dentro de um canal. Vitória é uma ilha, e você vai entrando então nessa parte da costa, no canal, com Vila Velha de um lado e Vitória de outro. O primeiro trecho da entrada, mais ou menos cinco quilômetros, ainda até outro dia estava desorganizado como território, lá dentro da cidade é que começavam a aparecer as muralhas de cais e coisas assim. Fez-se uma muralha retilínea até a boca da baía, aterrou-se, formando um terraço, são os famosos terrenos ganhados do mar, e a prebenda ficou de urbanizar aquilo lá. Um vasto território alinhado na frente do mar, na frente de montanhas extraordinárias, uma paisagem que, como toda paisagem brasileira, é sempre belíssima, para ser reurbanizado. E tem uma coisa interessante a considerar: se nós não podemos, em vez de dizer eu quero fazer isso, raciocinar como evitar um desastre, ou pôr um plano crítico agudo naquilo que já foi feito e está parecendo que não ficou bem (não faltam exemplos de malignidade no traçado da cidade, etc.).

Como argumento fundamental dessa urbanização, o governo, através da secretaria, já tinha estabelecido alguns palacetes que deviam estar ali (palacetes porque é assim que acaba resultando a resolução arquitetônica desses edifícios). Capitania dos Portos, Instituto do Café, todos com dois mil, três mil metros quadrados de construção. Eu imaginei então, para essa ocasião, algo dentro dessa visão de geografia, fenômeno, paisagem e imagem daquilo tudo: os navios entram apertados entre os dois lados (o continente e a ilha) como um espetáculo belíssimo, uma parte movente da própria cidade, suas luzes, operações, riqueza exibida; você confia vivendo nessa cidade, como eu vivi quando era muito pequeno, ouvindo até de madrugada, pois não há hora pra esse tipo de trabalho, navios partem às três da madrugada ou entram às duas da madrugada. Isso é altamente emocionante para todos nós, anima a vida, essa sensação de que estamos em trabalho.

Eu imaginei o seguinte: sabemos que terrenos assim criados na frente do mar afundarão; eu imaginei fazer edifícios dentro da água, dois ou três de acordo com o programa, construídos nessa técnica de tubulão e dois contrafortes de concreto armado espessos para garantir a estabilidade transversal, e onde pudessem estar alojados elevadores, encanamentos, etc., e as lajes entre esses dois contrafortes, montadas com estrutura metálica, tudo 30X30. A graça de início, e o porquê disso tudo, eu vou resumir o melhor que puder: primeiro, a montagem dos andares que seriam de estrutura metálica, seria feita com cábreas, rebocadores, técnica naval que é do lugar, a partir dos estaleiros, com tubulões pneumáticos. Surge



1
Croqui de Paulo Mendes para a Baía de Vitória

esse prédio que confronta os navios um pouco mais adiante do que a costa do litoral. Com uma graça suprema, porque com mil metros por andar, Capitania dos Portos com três andares e três mil metros, depois escritórios e coisas assim. E desses dois contrafortes de um lado e do outro, com trinta metros cada um, pode-se instalar quantas baterias de elevadores privativos de tal função ou outra, um público direto para cobertura, para o restaurante, uma coisa maravilhosa.

Entre esse edifício e o cais, uma distância que é o pequeno canal, como um *canaletto*, se diria em Veneza, onde atracam os barcos de passageiros. Aquilo é uma animação extraordinária e uma nova configuração paisagística considerando a beleza do lugar. Parecia um projeto um tanto interessante, com uma visão até de uma lírica que desce aos limites da visão poética mesmo da nossa vida; você podia dizer que a Capitania dos Portos vai ficar na cota do castelo de popa dos navios para saudar os comandantes, e se diverte com isso de uma maneira de quem domina a visão de disposição espacial além da questão das plantinhas ou de uma estética da forma um tanto inconseqüente. Aparece uma sinfonia, se você tem um tema que vale a pena, ele desencadeia essa sinfonia toda. Isso é muito interessante, a genealogia do próprio desenho: tubulações, alimentações, energia não podem vir pela água, então esses edifícios exigiriam um pavilhãozinho em terra de recepção, onde se sobe, provavelmente cafés, jornalheiros em baixo, passa numa ponte já numa certa cota, por cima desses vaporetos do canal. Vocês vejam que teatro, que cenário da vida urbana começa a aparecer. Para o primeiro andar estar numa certa cota alta, um tanto suspenso, e é por aí que passa daqui para lá e de lá para cá todo serviço de apoio técnico e tecnológico que o edifício exige. Coisas assim, outras decorrentes de como fazer isso, que só redundam cada vez mais em elegância, beleza e engenhosidade. Uma cidade que parte é flutuante, eis agora esse edifício intrigante, como quem diz: Você quem é? Navio ou o quê? É muito bonito, no meu entender.

O outro projeto que vou mostrar quanto a esse tipo de questão, eu tenho consciência de que todos já conhecem. Está publicado, nada é novidade, é só mais uma palavrinha nesse momento sobre o projeto. É um projeto feito para a baía de Montevideú, e aqui sim, é estupenda a questão da visão do arquiteto que transforma, no bom sentido, não transforma só por transformar, de maneira sedutora, visão do que era desejável e não se sabia, como algo acrisolado, que se trata basicamente do seguinte:

Na ocasião do seminário internacional, que se repete todos os anos em Montevideú, estavam lá professores e estudantes separados em ateliês, holandeses e japoneses. No caso desse ano em que me convidaram, o tema era a Baía de Montevideú, vale dizer a cidade de Montevideú, que é construída em torno dessa baía, que pode se imaginar como se fosse circular, grosso modo. É muito interessante para todo esse tipo de raciocínio saber que o arquiteto é capaz de avaliar o tamanho mesmo da coisa, pois esse discurso não serve para qualquer baía, não serve para a baía de



2

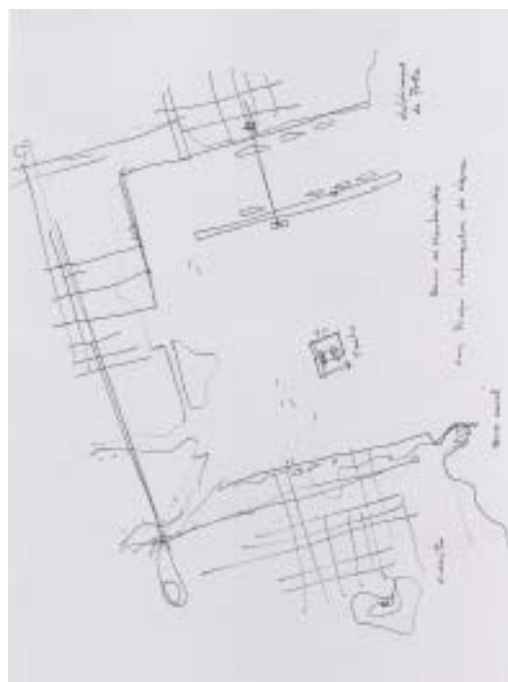
*Baía de Montevideú*Fonte: Helio Piñón, *Paulo Mendes da Rocha*, São Paulo, Romano Guerra Editora, 2002

Tóquio, se bem que pode se inspirar quanto à visão sobre a natureza no famoso projeto do Kenzo Tange para a baía de Tóquio, mas não do ponto de vista formal, e sim do ponto de vista da posição do arquiteto em relação à geografia e construção.

A questão é a seguinte: essa baía é extremamente rasa, dois metros, um metro e oitenta, uma espécie de lama inútil, aparentemente. Um lado de quem vira as costas para a África e olha para a entrada dessa baía, o lado direito, está dragado, e o resto da área toda da baía está assim inundado, como se fora uma grande Veneza incompreendida, vamos supor, e a cidade já tem como plano fundamental a famosa avenida perimetral, que tem sido sempre um desastre, é diferente de uma frente de Copacabana. Uma baía tranqüila, prisioneira, praticamente manguezal, lama, inútil.

Surge, na visão do arquiteto, o seguinte: e as virtudes da flutuação, e as virtudes da mecânica dos fluidos, e se eu retificar as três faces (a outra está aberta para a África), e se fizer frentes assim para as águas, com hotéis, novas áreas de comércio? E se todas elas forem atracadores, e se usar essa água inútil como uma esplanada de navegação intensa, alternativa de uma outra forma de transporte? Fica uma pequena Veneza, que de certa forma, retilínea, quadrada, praticamente surge, por que não? A escala não permite, ou não sugere, desenhos e arabescos e coisas assim. Vista de avião é uma rota nossa para Buenos Aires, para países do sul; quem vê aquilo assim quadrado, diz: isso não é a natureza, é obra do homem, e se torna a Baía de Montevideu uma praça quadrada de águas intensamente navegáveis. E transforma a cidade, ou pode transformar absolutamente uma coisa muito mais interessante do que a famosa avenida atual, sem grande êxito, como já se conhece: do outro lado tem a água, a água não serve para nada e não se atravessa a avenida e coisas do tipo. É muito interessante se considerarmos Holanda ou Veneza mesmo, a própria experiência do gênero humano no enfrentamento de territórios que do ponto de vista de engenharia são aparentemente um tanto quanto impróprios, como se alguém pudesse, numa cena irreal, dizer ao outro: por favor, não faça essa bobagem, vá fazer sua cidade em outro lugar. Veneza mesmo é um exemplo assim: para proteger a navegação, para pôr a mercadoria no coração da Europa, tiveram que enfrentar aquela vaza e aquele lugar aparentemente impossível, com técnicas.

Outro projeto para o qual se poderia chamar a atenção é o projeto que atualmente eu estou fazendo para a Universidade de Vigo, cuja construção vai se iniciar daqui a um mês ou dois. Vou comentar rapidamente, mais para dar notícia aos colegas de como isso aconteceu. Sendo chamado para uma consultoria sobre essa questão que eu vou exhibir, que lá era muito séria, resolvi pedir que me mandassem alguma notícia, antes até que marcasse uma viagem. E das notícias que vieram, excelentes plantas e levantamentos topográficos precisos, eu fiz um modelinho por minha conta, de uma idéia que eu achei que era o que deveria fazer, e levei gravado, sem muita convicção de que haveria de mostrar. Chegando lá, confirmando tudo a partir do que vi, mandei imprimir.



3

Baía de MontevideuFonte: Helio Piñón, *Paulo Mendes da Rocha*, São Paulo, Romano Guerra Editora, 2002

Vieram os reitores e foi aprovada a idéia.

Isso é muito interessante, é uma visão assim propedêutica da arquitetura, em um problema complexo, você saber destacar o que é fundamental. Em uma universidade que já existe há algum tempo, você não consegue analisar, você tira o que é fundamental da questão e diz: aqui não passa, assim passa.

Trata-se do seguinte: o recinto da cidade universitária é circunscrito por uma via expressa, é uma área suficiente para uma universidade para mais de cem anos, e num território extremamente escabroso do ponto de vista geomorfológico, de topografia e também de constituição, granito em decomposição, precipitado de uma certa posição. Ainda que de modo irregular, havia uma cota a 460 metros que era mais ou menos tranqüila, e ocuparam isso com o essencial no primeiro momento: Filosofia, Centros Esportivo, Centro de Convivência, Reitoria, Biblioteca, Centro de Habitação. E depois, lá para baixo, o desastre: uns pavilhões já feitos, impossíveis.

O projeto que fiz é muito simples. Instalada essa cota 460, como de fato está lá, inclusive com aspectos de magnificência – há um conjunto de convivência, um projeto do Miralles –, eu disse: se eu fizer agora, adiante, para essa parte escabrosa, uma outra 460 no espaço, e ligar duas vezes, com a Biblioteca e com um Centro de Convivência, e lá para baixo com outras coisas, com uma via elevada, coberta, protegida? O clima é inóspito, o senhor reitor mesmo disse, usando essa expressão: “aqui, preste atenção, chove de baixo para cima.” Dizia ele também que os estudantes não se encontram, quem está aqui não consegue fazer uma excursão por essa verdadeira aventura territorial para encontrar os companheiros.

Então pusemos essa cota 460 agora de maneira artificial, cuidando de não tocar esse território que fica, nesse momento, ao invés de execrado, transformado em suprema paisagem e jardim, típico do lugar, esse um tanto desértico, estupidamente espanhol. Há cavalos selvagens, uma coisa incrível aquilo que está lá, porque essa via elevada se fará, já a estudamos, já esta projetada e vamos construir, com pilares. Começamos com 100 metros, estão com 80 metros, e a partir desses pilares só se toca o terreno. Com aduelas sucessivas se monta com estrutura metálica, e também com tecnologia muito desenvolvida no local de modo histórico, porque essa ria é um lugar onde se instalou o homem, uma situação geográfica extraordinária. A ria é uma penetração de trinta ou quarenta quilômetros de mar, feito um canal, que não é retilíneo, naturalmente. É uma situação extraordinária para instalações humanas, e é atraente. Por isso lá estão, há milhares de anos, esses homens, que começaram cultivando o mar sob todas as formas que queiram imaginar, e têm uma tradição naval belíssima; portanto a construção foi amparada por engenharia de lá, com técnicas que os estaleiros conhecem muito bem.

E a partir dessa rua elevada, fica fácil imaginar, os edifícios serão adjacentes: entra-se para cada um deles na mesma cota dessa rua. Porque um sinal que fica dessa idéia, imediatamente, é “mas que coisa monótona



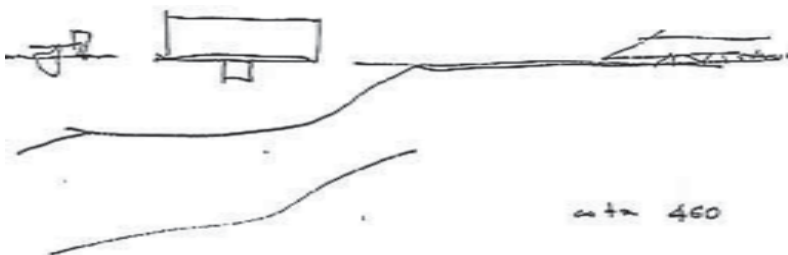
4

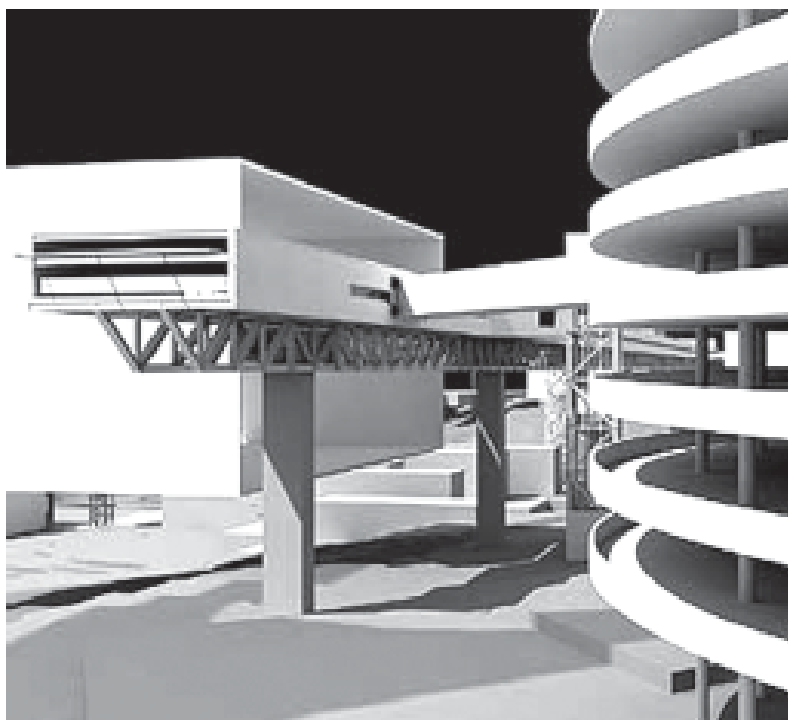
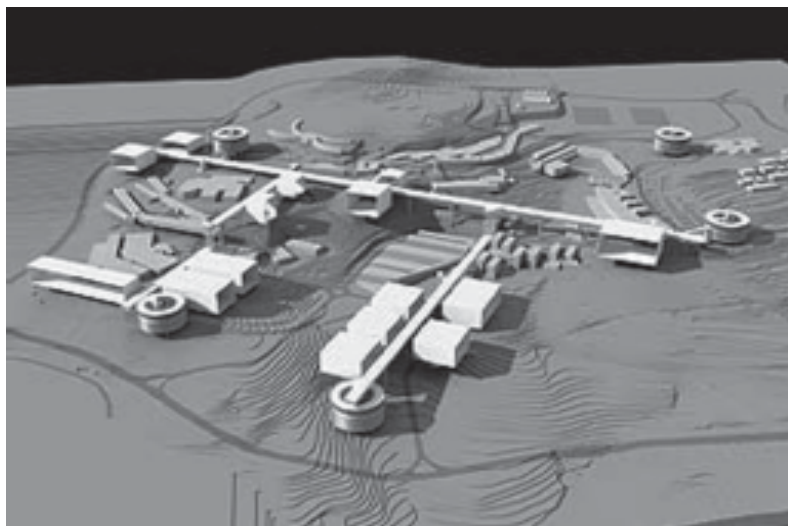
Universidade de Vigo

Fonte: www.tomekijulitawigo.za.pl/UniversidadeDeVigo

essa rua, imensa, um quilômetro a parte principal". Acontece que em cada prédio que surge, como deve surgir, pois foi feito para amparar o desenvolvimento da universidade, sem as precauções de implantação, movimento de terra, derrocamentos, dinamites, que se usa pra fazer uma coisinha à toa, estacionamentos principalmente, os edificios surgem já como pequenas praças. Como mais ou menos induz o programa de cada um deles, nesse mesmo nível estarão as cafeterias, informação, biblioteca, entrada para o auditório. Portanto essa rua vai se transformando em um lugar bastante agradável, pouco a pouco.

Esses são, tenho impressão, os projetos que interessam.





6a, 6b, 6c
Maquetes do projeto para Universidade de Vigo
Fonte: www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura683.asp